



**(RE) PRODUÇÃO SOCIAL E DINÂMICA AMBIENTAL NO ESPAÇO DA PESCA:
um debate sobre o trabalho das marisqueiras da Taiçoca de Fora- Nossa Senhora do
Socorro – SE¹**

Eline Almeida Santos

Mestre do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Sergipe.
Grupo de Pesquisa em Geoecologia e Planejamento Territorial
E-mail: elinegeo@hotmail.com

Rosemeri Melo e Souza

Orientador e professora do Departamento de
Engenharia Ambiental, NPGeo e PRODEMA – UFS.
Grupo de Pesquisa Grupo de Pesquisa em Geoecologia e Planejamento Territorial
E-mail: rome@ufs.br

Em Sergipe a pesca configura-se como artesanal visto que a maior demanda de pescado provém de comunidades tradicionais cujo ritmo de vida está associado a práticas clássicas (trabalho familiar; utilização de instrumentos com baixo nível tecnológico; produção voltada para o consumo doméstico e para o mercado interno).

A pesca é configurada a partir do ritmo maré. A jornada de trabalho diária é delineada através da dinâmica do ambiente, do fluxo da maré cheia e seca que determina as estratégias utilizadas e o trajeto a ser percorrido para o trabalho nos pontos de pesca. É o que Maldonado (1986) enfatiza ao afirmar que o tempo do pescador é medido pelos ciclos da natureza, pelo decorrer dos dias e noites no ambiente marítimo e pelo comportamento das espécies.

A inserção da mulher no setor pesqueiro ocorre nos primeiros anos de vida ao acompanhar sua mãe na labuta diária. Dessa maneira, a mulher torna-se a principal responsável pela a introdução dos filhos na atividade pesqueira. No entanto, o trabalho desenvolvido por ela é considerado secundário ou complementar ao dos homens pescadores, sendo em muitos casos o seu trabalho invisível à comunidade.

¹ Artigo resultante da dissertação de mestrado defendida em 2012 no NPGeo, intitulada (Re) produção social e dinâmica ambiental no espaço da pesca: reconstruindo a territorialidade das marisqueiras em Taiçoca de Fora-Nossa Senhora do Socorro / SE.

O trabalho da mulher na pesca é percebido com acessório ao trabalho masculino, devido às representações (RAMALHO, 2006, p. 59) de que a mesma não possui força física suficiente e, assim, deve ficar em terra cuidando da criação dos filhos e filhas.

O trabalho feminino percebido como acessório contribui para a sua “invisibilidade” na pesca, coaduna com a desvalorização do seu trabalho, com poucos estudos a respeito da sua atuação no setor, e, com a falta de incentivo no tocante a financiamento, geração de emprego e renda.

Diante deste panorama, o presente artigo tem como objetivo traçar um debate acerca da (re) produção social e dinâmica ambiental no espaço da pesca sob a ótica do trabalho das marisqueiras da Taiçoca de Fora- Nossa Senhora do Socorro/SE.

O estudo esteve fundamentado no método fenomenológico, que possibilitou a análise do espaço geográfico enquanto espaço das experiências vividas, como fenômeno por homens que nele vive. Com base nos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa contemplou as seguintes etapas: a) levantamento bibliográfico e documental e b) pesquisa de campo, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos, observação participante, levantamento dos pontos de pescas e a aplicação de entrevista em profundidade.

O povoado Taiçoca de Fora se localiza no município de Nossa Senhora do Socorro, Grande Aracaju, e possui uma população residente de, aproximadamente, 6000 habitantes (UBS², 2011). Ele está dividido nas localidades de Bolandeira, Barreira e Canabrava.

A pesca se constitui como principal fonte de renda no povoado Taiçoca de Fora, visto que cerca de 90% da população residente desenvolve a atividade. Dentre os animais capturados na localidade, destaca-se o sutinga (*Mytella charruana*).

Na extração do sutinga (*Mytella charruana*) há uma divisão do trabalho, sendo os homens responsáveis pela pesca e as mulheres, em sua maioria, pela separação do molusco do envoltório. (Figura 1).

Na maior parte dos grupos pesqueiros o marco da divisão do trabalho é bastante forte: os homens pescam, enquanto as mulheres se ocupam das tarefas domésticas. Não é raro- e no Brasil ocorre com frequência considerável- que os membros da família que não fazem parte das tripulações- geralmente mulheres e crianças- desempenhem tarefas consideradas *de terra* (MALDONADO, 1986, p. 19).

Para a coleta do sutinga (*Mytella charruana*) o pescador mergulhador, juntamente com parentes ou vizinhos, deslocam-se até ponto de pesca (às vezes distante do local de residência)

² Unidade Básica de Saúde

via canoa motorizada ou a remo e em determinados momentos, com uma vara de madeira, verifica a existência do marisco no leito do rio.

Eles identificam os pontos de pesca do sutinga (*Mytella charruana*) a partir do comportamento do animal no ambiente estuarino. *Quando abre o biquinho pra água, aí faz aquelas bolinhas. Aí fica no meio do rio umas bolinhas de sabão, tipo uma nata* (Sr^a M., marisqueira da Barreira).

Figura 1-Divisão do trabalho na extração do sutinga (*Mytella charruana*)-Povoado Taiçoca de Fora



Fonte: Eline Almeida Santos, 2009.

A ostra (*Crassostrea rhizophorae*) e o sururu (*Mytella guyanensis*), também, são extraídos pelas pescadoras do povoado Taiçoca de Fora. A extração é realizada no período da maré seca, predominantemente, por mulheres nos manguezais que margeiam a localidade, bem como em municípios vizinhos, a exemplo de Laranjeiras.

Para chegar aos pontos de pesca mais distantes as mulheres utilizam pequenas embarcações, tipo canoa motorizada. Quando não possuem embarcação própria, dividem o combustível com o proprietário ou aluga a canoa pagando o combustível e um valor que varia de R\$ 5,00 a R\$ 10,00. Segundo os pescadores, o aluguel da canoa acontece com maior frequência quando a pescaria não está boa para peixe.

Em relação, a produção do sutinga (*Mytella charruana*) é importante destacar que as mulheres que não possuem nenhum parente para realizar a extração, ficam na dependência dos pescadores mergulhadores e assim, trabalham com estes através de dois sistemas: “*meia*” e *compra do saco*.

No primeiro, elas retiram o marisco da concha (o filé) e o dinheiro arrecadado é dividido para os dois. No segundo, a mulher compra o saco (aproximadamente 60 Kg)³ que custa em média RS 30,00.

³ De acordo com os pescadores, o saco corresponde a aproximadamente 14 Kg de filé quando o sutinga é pequeno ou 17 Kg quando é grande.

No final da tarde, após as atribuições domésticas é comum visualizar nas ruas do povoado Taiçoca de Fora inúmeras mulheres realizando o beneficiamento dos mariscos, isto é, retirando os moluscos dos seus envoltórios (o filé). O trabalho acontece com a ajuda de familiares, principalmente crianças.

Ramalho (2006) afirma que a participação de toda a família nas etapas de processamento do recurso pesqueiro torna-se um elemento imprescindível para a manutenção e reprodução social do grupo.

A maior parte do sutinga (*Mytella charruana*) produzido na comunidade é repassada para cambistas que 6,00. Estes levam o marisco para Salvador e Maceió, vendendo a R\$ 10,00. A outra parte é destinada as mulheres que vendem no mercado de Aracaju, Nossa Senhora do Socorro e nas feiras livres.

Moura (2007, p.144) enfatiza a questão ao afirmar que “a ausência de uma política de gestão territorial, que assegure a condição de garantia de preços na venda do produto, e a péssima condição de vida, assim como a inexistência de organizações associativas e cooperativas colocam o pescador artesanal dependente do atravessador”.

Os desafios das mulheres na atividade pesqueira não são poucos, pois ainda são revestidos de preconceitos e pelo pouco espaço oriundo da produção científica. É preciso desconstruir e evidenciar onde estão estas mulheres pescadoras e marisqueiras que fazem de seu trabalho verdadeiras lições de vida.

Referências bibliográficas

- MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MOURA, Marcléia Elias. **O rural na cotidianidade do urbano e as contradições do capital**. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Programa de Pós-Graduação, Pró- Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007.
- RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **Ah, esse povo do mar!** Um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana. São Paulo: Polis: Campinas, SP: CERES (Centro de Estudos Rurais do IFCH-UNICAMP), 2006.
- SANTOS, Eline Almeida. **(Re) produção social e dinâmica ambiental no espaço da pesca: reconstruindo a territorialidade das marisqueiras em Taiçoca de Fora-Nossa Senhora do Socorro / SE**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Programa de Pós-Graduação, Pró- Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2012.

Eixo temático: Análise Ambiental